

Anno VIII.

Rio de Janeiro - 11 de Janeiro - 1902

Nº 144

DN QUIXOTE

de Angelo Agostini
Largo da Carioca N° 4 (Sobrado)



Mousinho de Albuquerque.

O DON QUIXOTE

Rio de Janeiro, 11 de Janeiro de 1902

Escriptorio e Redacção

LARGO DA CARIOCA N. 4

SOBRADO

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS

| CAPITAL | ESTADOS |
|----------------------|----------------------|
| Anno..... 258000 | Anno..... 308000 |
| Semestre..... 148000 | Semestre..... 168000 |
| NUMERO AVULSO 18000 | |

EXPEDIENTE

AVISO

Rogamos aos nossos assignantes, o obsequio de mandarem reformar suas assignaturas, afim de não termos o desgosto de suspender a remessa da folha.

A importancia da assignatura, poderá ser enviada em carta registrada no correio, com o valor declarado, ou em um vale postal.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Angelo Agostini, largo da Carioca n.º 4, sobrado.

No anno passado de 1900 a publicação do *D. Quixote* foi suspensa em fins de Abril por motivo de enfermidade grave do nosso prezado chefe Angelo Agostini.

Este corrente anno, continuando a publicação do jornal, continuamos a enviar os numeros aos assignantes que haviam pago no principio de 1900. A estes pedimos o obsequio de reformar suas assignaturas antes de terminar o actual para evitar interrupção na remessa regular.

Mas temos tambem muitos assignantes que receberam o *D. Quixote* de Janeiro a Abril de 1900 sem terem satisfeito a importancia das assignaturas e ainda não fizem até hoje.

Cabia pagar 8\$ aos assignantes da capital federal e 10\$ aos dos estados.

A estes pedimos que entrem em acordo com a nossa caixa porque não nos é absolutamente possivel deixar o caso insolvel, dadas em grandes responsabilidade de um jornal de pesado custeio como o *D. Quixote*.

Temos o desgosto de avisar aos nossos assignantes, ainda devedores das importancias de assignaturas do anno findo, que, nesta data, suspendemo-lhes a remessa da folha.

REIS

Só a tradição, a venerável e antiquissima tradição, poderia dar esse reservado goso aos Basson e concomittente caterva.

Só a tradição poderia marcar no calendario republicano um dia para Reis, e festejar os n'uma epocha de democracia e principalmente neste canto liberrimo da America.

Sim, porque, julgando por mim, é causa pouco coadunavel com o momento isto de adorar e illuminar os tres barbudos soberanos, que, à luz de uma estrella tremula, foram atravez as planicies de Bethlem, ajoelhar ante o presepe. Eu, por mais que me esforce não evoco a scena tocante e singela. Ao meu espirito embuidido de ideias modernas, de cousas *commencement de siècle*, se antepõe sempre outro quadro mais complicado e grave.

E' a deusa da Paz que eu vejo e o vez de Reis são tres presidentes da Republica que parecem procura-la.

São os Snrs. Riesco, Roca e Campos Salles. Mas o curioso é que adorando a Paz dou primeiros estão armados até os dentes e empenham-se num late bocca medonho, accusando-se mutuamente de contos do vigario e outras bellezas.

Só o nosso presidente sem o farrancho pantafacudo de navios e canhões parece venerar a branca deusa a valer.

Este quadro não é tão simples nem tão bello mas que querem?

Vejo-o assim ...

• •

Sem sair do capítulo dos Reis ha outra cousa muito interessante.

O inenfavel principe D. Augusto, que anda lá pela Austria, lembrou-se um dia de propôr ao Dr. Campos Salles um negocio da China. Imagineem que sua Altezinha queria vender pela bagatella de um milhão de libras esterlinas os seus direitos ao throno do Brazil comprometendo-se a lançar manifesto declarando-se republicano apenas lhe passassem os cobres.

O governo não percebendo de que throno se tratava e achando que havendo já por aqui muito adhesista não valia a pena comprar mais um tão longe e tão caro, não respondeu a serenissima missiva.

Pois o principe não desanimou e agora mandou novas cartas ao Dr. Murtinho, ao

ministro das Relações Exteriores e ao Dr. Campos Salles insistindo na proposta.

Positivamente sua alteza, o rei que o Snr. Carlos de Laet sonha para todos nós anda muito precisado.

Porem o mais engraçado é a ideia real.

Imagine se eu propuzesse ao leitor comprar-me uma joia que eu perdi ha 12 annos e não tenho esperança de tornar a achar.

Que bello arranjo, heim?

• •

Mas palavra de honra que dexe ser muito divertida agora a nobre face, do nobre paladino Carlos de Laet. Tão corajosa e até audiosamente S. Ex., destruiu a primeira noticia com quatro pernadas.

Dizem até que mandou uma carta reservada e confidencial observando à S. A. que aquillo era muito feio.

E vai o principe, que anda positivamente em apuros, despreza os sabios conselhos e vem pedinchar outra vez.

O' principe. Que diabo, na Austria tambem ha agiotas. Se anda apertado e tem com effeito uma coroa ponhe-a no prego.

ZÉ CABEÇA.

MOUSINHO D'ALBUQUERQUE

Portugal acaba de perder um de seus filhos mais illustres o coronel Mousinho de Albuquerque, em quem a patria portugueza, já muito sua devedora, e fundava muitas esperanças,

Mousinho d'Albuquerque incarna com effeito a figura legendaria dos arrojados heróes da historia portugueza, cuja memoria é o melhor padrão de gloria do velho paiz do Continente Européo.

Foi elle e foi o seu esforço que permitiram que Portugal encerrasse a historia militar do seculo passado, registrando a noticia de mais um acto de rara bravura, a tomada de Chamite.

Mousinho d'Albuquerque nasceu de uma familia que tem seu nome aliado ás armas e ás letras de Portugal, desde os primeiros seculos da historia desse paiz, mas até 1884, quando apenas contava 29 annos, o nome duquelle que depois se devia tornar heróe, era apenas conhecido como o de um official competentissimo, idó-

latra da sua arma, a arma de cavallaria, em que sentará praça, na idade de 16 annos.

Em menos de quatro annos concluiu Mousinho o seu curso com grande brilhantismo e a 27 de Dezembro de 1876 era elle nomeado Alferes e depois Tenente em 31 de Outubro de 1884.

Foi a partir de então, que nomeado para o Ultramar o seu nome se foi celebrando.

Governador de Lourenço Marques em 1886, por occasião do *ultimatum* inglez a sua energia e bravura, os serviços que prestou a Portugal são inestimaveis.

Pouco depois, a prisão do Gugunhan chamou sobre o seu nome a attenção do Mundo e os elogios de Guilherme II.

Agora quando o sua brillante carreira parecia encaminhada para um futuro fulgorante chega laconico e cruel o telegramma que noticia o seu suicidio inexplicavel, rodeado de circunstancias misteriosas, que ainda nada veiu esclarecer.

Eoi uma grande perda para Portugal.

SANTOS DUMONT

O nosso illustre compatriota que tanto estudo, tanto trabalhos tanto esforço e tanta intrepidez tem dedicado ao problema da navegação aera; o vencedor do premio Dutch e da mà vontade do Aero-Club, já se acha em Monaco, onde vai começar as experiencias para a travessia do Mediterraneo em balão, tendo recusado uma torpedeira que que o governo francez poz a sua disposição, para acompanhá-lo na arriscada viagem.

E mais, tendo a comissão de exposição universal que está sendo preparada na California para 1903, instituido um premio de 40,000 libras para o inventor do melhor dirigivel, já Santos Dumont se inscreveu nesse novo certamem.

Acompanhamos anciósos os trabalhos do illustre brasileiro fazendo votos para que a victoria venha coroar tão valentes esforços.

CARNES EMBRULHADAS

Cada vez mais se atrapalha e complica essa questão das Carnes Verdes, que

dia a dia toma proporções mais ridiculamente gigantescas, vai oecupando a opinião publica que nella começo por entrar como Pilatos no Crredo, mas já vai começando a embatucar com tantos defensores, tantos palladinos a pugnar por direitos que ella não reclamava, apregoar perigos que ella não presentia e males que não a encomodavam.

la tudo perfeitamente, o povo tinha carne boa pelos preços estipulados no contrato. Um bello dia surgiu toda esta questão, que é nada mais nada menos do que uma concorrença illicita e agora verei. A severa e grave magestade da justiça transformou-se num 3º acto de magica em que os mandatos mais ou menos disparatados e contraditorios apparecem quasi todos as dias, todos a se basear em leis, todos revestidos do caracter solenne da justiça, todos defendendo direitos que se prejudicam continuamente.

E no meio de tudo isso o mais engracado papel é o do governo municipal reduzido a mero espectador da administração do districto federal onde todos mandam, todos dictam leis e o juiz Godofredo Cunha é o Tzar absoluto que não conhece outra supremacia alem da sua, que se inspira na imprensa barulhenta e nos conselhos de advogados interessados.

Nestes ultimos dias a evolução do escandalo progrediu de um modo que é para a gente louvar a Deus de gatinhas.

Foi uma grande pandega.

Appareceram novos matadouros particulares todos providos de seus respectivos mandados de manutenção porque ha juizes que chegam para tudo isso. E houve autos de fé, carne incineradas solemnemente, como num rito antigo, mandados para a firma Salgado, um horror.

Ninguem se entende. O mais curioso é que o mandado em favor de Salgado & C. o unico que vinha de um juiz municipal foi exactamente o unico platonico, que não produziu resultado algum pratico.

Pelo geito em que as coisas vão, é impossivel prever até que ponto chegará a anarchia da administração municipal e a insolencia do escandalo.

Quem viver verá onde pararão as modas.

Naturalmente vão parar no Supremo Tribunal refugio peccatorium de todas as

balburdias, resultando a provavel e avulta- da copia de indemnizações.

FINIS CORONAT OPUS

A bella rapaziada do conselho municipal, os devotados homensinhos que durante 3 annos deliciaram o Rio de Janeiro com a sua administração luminosa terminaram o seu mandato na semana finda. Para corôar a obra, tinham mais um escandalo para a ultima hora, o monumental caso da companhia Telephonica, que o *Paiz* e a *Gazeta* alacaram violentamente e não foi felizmente votada, graças a tres intendentes que não deixaram haver numero para votação.

O Snr. Leite Ribeiro ficou damnado, mas, que quer, filho, neste mundo é mesmo assim, um dia é da caça outro do caçador.

E ahi está como (por emquanto) não foi a Perfeitura obrigada a pagar a companhia Telephonica—a tal que não trabalha de noite para não se constipar — todo o material que porventura lhe fosse roubado.

Vejam que clausula ideal. Que mina de caroço? Era esta belleza que os nobres idis a sahir faziam muito empenho em vatar antes de nos favorecer com a sua ausencia.

Felizmente lá foram. Destes esfamos nós livres. Venham outros, os eleitos neste burlesco pleito que, ha poucos dias, teria divertido a Capital Federal se não a tivesse envergonhado.

A camara de Pretores reunindo-se uma vez ou outra, quando,— por um desses raros acasos—ha numero, promette prolongar a apuração. Não tardam a aparecer a chusma de duplicatas, as actas falsas, as protestadas, as accusações formidaveis, os insultos, o grosso desaforo e—quem sabe—talvez muitas taponas.

Tudo isto é tão commum, principalmente nas apurações de eleições...

Lizem que um dos candidatos nas ultimas eleições municipaes foi o administrador de um dos maiores cemiterios desta capital.

Admira que não tenha sido eleito por grande maioria. E tão sabido que (especialmente nas eleições) os vivos são, e cada vez mais, governados pelos mortos! ! ! ...



Depois de muito trabalho, Inayá e Zé conseguiram derrubar a arvore que transformou-se logo em excelente ponte para poderem passar para o outro lado do rio.



Apesar do tronco ser bastante grosso, nem por isso a improvisada ponte deixava de ser perigosa.
Foi com o maior cuidado que Zé animou-se a atravessá-la.



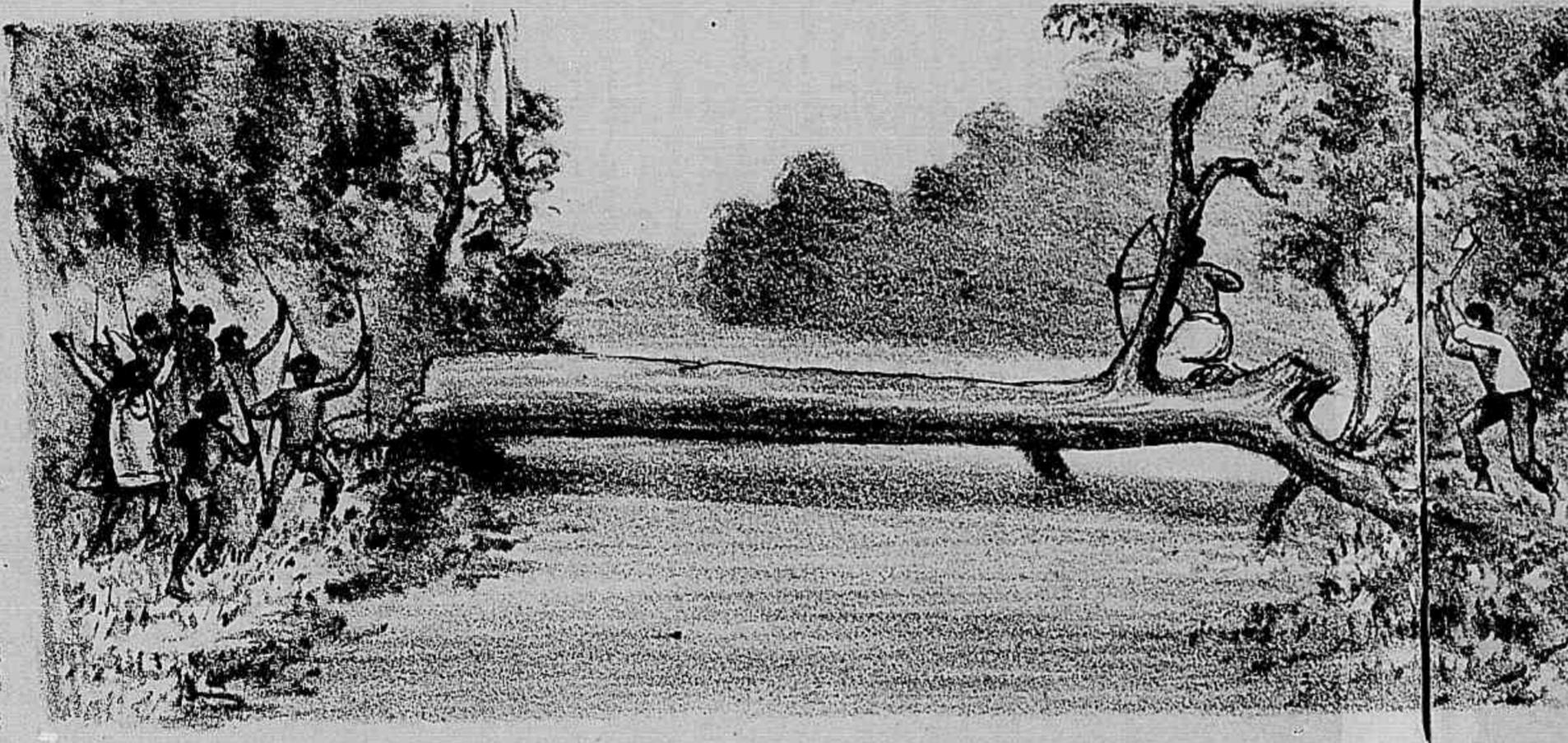
Apenas chegados à outra margem do rio, Zé entendeu que deviam tratar de comer o tatú e dispor-se a acender fogo.
Inayá, porém, opôs-se dizendo-lhe: temos mais que fazer!



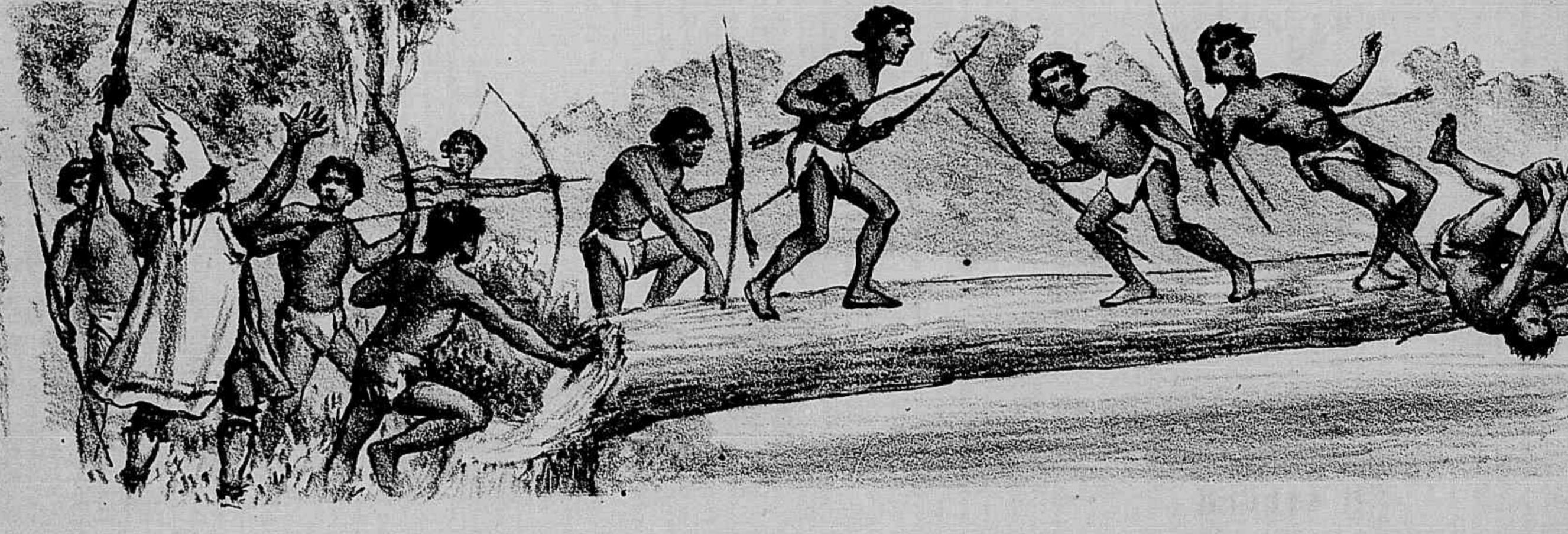
E empunhando o machado, começou a cortar os galhos que se achavam encostados à beira do rio.
Debalde Zé protestou ter uma fome desesperadora; a índia continuou como se nada ouvisse.



Quando ficou cansada, Inayá pediu a Zé que continuasse a cortar galhos para não perder tempo. Este, amuado e esfomeado, negou-se ao trabalho.
Mas, disse Inayá, não pôde que podemos ser alcançados pelos bugres? — E' o que você me dizia do outro lado do rio; agora vem com a mesma cantiga. E assim discutindo, perderam um tempo precioso.



De repente os fugitivos ouviram gritos ferozes.
Eram os índios que acabavam de chegar à outra margem e os tinham avistado.



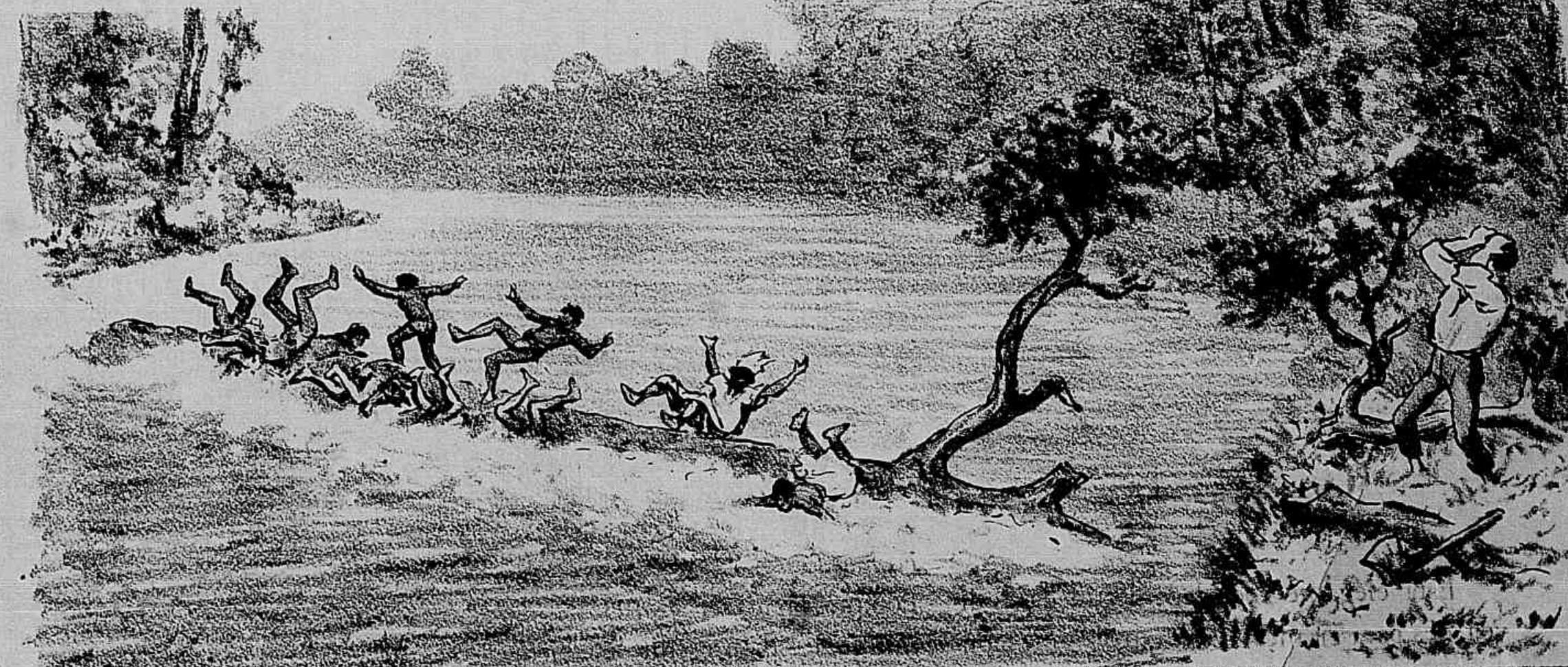
Zé, afinal, comprehendeu quanto a índia tinha razão, e, saltando sobre o machado, pôs-se a cortar o último galho.
Inayá postada atrás de outro, e armada com o seu arco, dispôs-se a flechar o primeiro que se atrevesse a passar.



Cobardes! vociferou Mundurucú-assú saltando sobre a arvore. — Sigan-me; quero ver se Inayá tem coragem de flechar seu pae!



Vendo Mundurucú-assú avançar, seguido de seus índios, a corajosa índia saiu detrás do galho e collocou-se em frente ao cacique. — Antes de matar o meu protegido, disse ella, terás de matar-me primeiro. Mundurucú-assú parou e fitou sua filha. — Deixe-me passar! — Só depois de morta. Mundurucú-assú exasperado, tornou a dizer: — Saia da minha frente! — Nunca!



Em quanto se passava esta terrível cena entre pae e filha; Zé, que não reparava que Inayá havia avançado sobre a arvore, continuava, com todo o ardor, a cortar o último galho que prendia a arvore à margem.

Desprendendo-se de repente o tronco, um grito horrorelo ecoou nos ares!

Inayá, Mundurucú-assú e todos os índios foram precipitados na impetuosa corrente do rio, a 1000 metros, mais ou menos de uma gigantesca cascata.

Zé, vendo Inayá precipitada na torrente soltou um grito de desespero.
Pobre Inayá!

(Continua.)

PROVIDENCIAS SANITARIAS

Ha pouco dias pôde-se verificar a efficiencia das providencias sanitarias.

Ha dias foram fechadas as portas do café Papagaio, á rua Gonçalves Dias, e em uma dellas collocada uma sentinella, como muitas dessas que se vêem ás portas das casas interdictas.

Effectivamente aquella casa estava condenada porque, como consta do boletim sanitario do Desinfectorir Central, alli se dera um caso de peste bubonica.

Entretanto, apezar da interdiction e da sentinella, as pessoas que por alli passavam 3^a feira as 9 1/2 da noite, presenciaram um facto estranho, triste prova do pouco respeito que ha n'esta cidade pelas ordens emanadas da autoridade, testemunho deprimente da pouca consideração que certos negociantes ligam á saude publica.

Na porta do lado da rua do Ouvidor lá estava a sentinella, attenta e vigilante, enquanto que pela porta do lado da rua Sete, qual correição de formigas carregadeiras sahiam sobraccando volumosos embrulhos homens em mangas de camisa, que entravam em um conhecido estabelecimento proximo, ahi deixavam os embrulhos e voltavam a ir buscar outros.

E a sentinella attenta e vigiliante lá continuava sentada á porta... cabeceando.

M ZAEPER

Recebemos a visita do Sn. M. Zaepер artista alemão de passagem nesta capital que nos mostrou varias aquarellas suas, apaihadas de alguns dos mais pittorescos pontos do Rio de Janeiro.

O Snr. Zaer é um emerito artista, as suas aquarellas são magnificas, e estamos certos de que a exposição que pretende fazer por estes dias obterá franco exito.

A falta de espaço impede-nos de tratar mais longamente d'esse artista, que merece detida attenção.

COLOMY-CLUB

Esta elegante sociedade destinada a diversões para crianças inaugurou ante-ho-

tem a sua sede social num bello edificio espressamente construido na rua Marquez de Abrantes.

Pois tem o Colomy-Club uma bella casa, muito elegante, muito apropriada ao seu fim.

A directoria, na sua installação, foi amabilissima para com os seus numerosos convidados.

PIADINHAS

— Então a principe D. Augusto insiste em apresentar a venda a corôa? Mas que corôa?

— A da cabeça. Nesse caso apresentar a corôa é assim como quem diz pôr a calva a mostra...

* * *

— Afinal com o encerramento do Congresso, a Gazeta viu-se forçada a fechar a *Casa de Doidos*. Para onde foi aquella gente toda?

— Ora, entrou em massa para o Engrossa.

NOTICIARIO

Antes do mais cabe-nos o doce dever de noticiar o apparecimento de mais um collega o *Correio Mercantil* dirigido pelos deputados Virgilio Brígido e João Lopes. A nova folha tem vindo muito interessante, reconhecendo-se em varias secções a verve mordaz de uma antiga *Abelha mestra*.

O Sr. ministro do Interior aprovou a planta apresentada pela Associação do 4º Centenario para construcção de um edificio para a Escola Nacional de Bellas Artes no local do antigo mercado da Gloria

E' o caso de se erguer as mãos para o céu por tão grato adiantamento nessa questão urgentissima e até hoje tão demorada.

E' principalmente o caso de se dispensar os mais calorosos louvores a Associação do 4º Centenario e mais especialmente a sua directoria e muiis especialmente ainda ao Sr. Dr. Ramiz Galvão, a alma e o braço forte da milagrosa empresa.

Poouque pôde ser considerado verdadeiro milagre essa inacreditavel victoria.

Apezar de ser publico e notorio que a Escola de Bellas Artes não pode continuar no pardeiro em que vive, que ahi não é possive estudar e que as más condições do edificio, arruinam dia a dia as inestimaveis obras contidas na pinacoteca, apezar da a economia feita com a demora da mudança redundar num prejuizo dez vezes superior todos os esforços, todas as energias tinham sido até hoje improficas e a Escola de Bellas Artes continuava a podrecer um corredor do Thesouro.

A energia indomavel, o actividade que não causa, a pertinacia dos illustres brâzileiros que formam a Associação do 4º Centenario tudo venceram.

Approvadas as plantas foi aberta concurença para a construcção da obra.

Aguardamos aniosos a sua realisação.

Os telegrammas tem tido um pouco de mais de animação nestes ultimos dias dando boas e interessantes noticias do sul da Africa. Com o reaparecimento do legendario Devert na primeira linha dos heroicos boers, foram logo anunciadas frequentes derrotas dos inglezes por toda parte no Transval e até na propria colonia ingleza do Cabo.

Agora o *War Office* publicou gravemente a estatistica oficial da guerra durante o anno de 1901. Por ella se vê que os boers sofreram em 1901, 18.324 (!) baivas e que lhes foram tomados pelos inglezes 7.993 espingardas, 27 canhões, 29.882 cavallos, 866.821 cabeças de gado e 23 milhões de cartuchos!!!

Ora, com os demonios, ao comezar a guerra, ha 2 annos, os boers eram apenas 25 mil e estavam mal providos.

Como é que perdendo num só anno tudo aquillo e tendo os inglezes 260 mil homens a persegui-los, a guerra ainda não acabou??

Ha de haver engano nesta estatistica. Aquellas perdas devem ser as inglezas.

Quanto ao resultado material... Não admira que os boers possuam tantos canhões, tantas espingardas, tantos cartuchos, tantos cavallos, tanto gado.

Pois se o proprio inglez se tem encarregado de lhes fornecer!...

Falleceu em Paris Francisco Antonio Picot antigo jornalista fluminense, que muitos serviços prestou ao *Jornal do Commercio* onde trabalhou com brilliantissimo durante longos annos.

Noticia-nos o telegrapho nma revolução no Paraguay que foi um fogo visto, lenguiça.

Num abrir e fechar d'olhos o ministro da Guerra e o da Fazenda a frente do exercito, aprisionaram o presidente Aceval e tomaram conta da capital da Republica.

Hão de ganhar muito com isso.

Um dos grandes barulhos da semana foi em torno do prenteso imposto sobre a carne secca que foi suspenso.

Afinal de contas, pensando bem, tal grifa era despropositada. Já se pagou por kilo deste genero até bem pouco tempo 1\$100 e 1\$200. Agora que se paga apenas 900 réis é rasoavel fazer tal berreiro por causa de um aumento de 23 réis?

A POLÍCIA

A *Gazeta* e a *Tríbuna* lembraram-se ante-hontem de recomeçar mais uma vez a campanha sobre o policiamento da cidade que graças a Deus sempre foi... detestavel.

Mae, senhores, desde que nasci ouço a mesma cousa.

Quando eu chupava balas e pulava na corda receava os urbanos. Ah, os urbanos, os pobres diabos eram accusados de tudo e muitas cousas mais.

Diziam o diabo dos pobres homens por que? Porque a cidade não era policiada.

Um bello dia tomaram o caso a serio e foi feita uma reforma completa, absoluta, magistral. Eoi criado o corpo militar de policia o C. M. P. de celebre memoria e a cidade continuou sem policiamento e foram os soldados de então as victimas da irritabilidade dos jornalistas. Então foi sobre o Corpo Militar de Policia que se vomitou cobras e lagartos.

Um chronista chegou a descobrir que C. M. P. queria dizer—salve-se quem podea.

Esta explicação é talvez confusa e prima irmã da outra... não sei se conhecen-a. Vou contal-a.

Um tabareu recommendou a um outro que lhe telegraphasse por meias palavras a remessa de umas aboboras.

Dias depois recebe um despacho dizendo *As No.*

Espanto. O nosso homem mette-se num trem e vai ao outro que explica:

Pois então. São meias palavras. *As* quer —As Aboboras, *Na*— no barquinho do João Ferreira.

O caso do C. M. P. é identico e serve para que se veja que fallar mal da policia no Rio de Janeiro é tão velho como o Pão de Assucar.

Mas o C. M. P. tembem desapareceu dando lugar a brigada Policial de hoje, que tem sido muito cuidada, pelo governo, tem-lhe merecido muitas attenções, muitos auxilios obteve douz ou tres edificias novos excellente cavalhada, armamento supimpa, fardas elegantes, vistosas e variadas muito a miudo.

Hoje a Policia é muito bonita, faz bellos exercicios, torna parte em paradas mas não policia. E os jornaes fallam.

Mas isso é tão velho!

THEATROS

A companhia Cinira entrou com o pé direito.

A sua estréa começo por ter a assombrosa felicidade de atrahir concurencia.

A peça poderia ser melhor mas é com tudo divertido e o desempenho, revelados seus tantos seccões inevitaveis, foi bom.

A traducção do Arthur Azevedo e do Azeredo Coutinho tem algumas phrases e expressões cabelludas, que imaginamos não serem do Arthur.

O publico viu, aplaudiu como devia esquecendo apenas de chamar o velho Adolphode Faria, o eximio ensaiador, que tanto fez pelo exito do comedie.

Nessa peça o Sra. Cinira Polonio tendo que fazer o papel de uma domadora de circo, fez d'ella uma fidalga *tout a fait collet*

monte e como os criticos extranharam a a artista explicou que copiara o typo de cousa uma tal condessa X que esteve em Lisboa não sei mais quando.

Ora dá-se!

E como se um actor, tendo conhecido um coronel zarolho fizesse todos os papeis de militar assim sem *este*, assim como o Camões.

E levar muito longe o naturalismo no theatro

* * *

A mesma companhia anuncia para a proxima semana a commedia *L'Elu des Femmes*, traducção (ultimo trabalho) do pranteado Moreira Sampaio e prepara para depois *Moins cinq, vaudeville* que teve exito em Pariz ha pouco tempo e foi tradusido por Arthur Azevedo.

* * *

No Apollo appareceu um arremedo de companhia lyrica de verão (25^a ordem) mas não vingou, coitadinho.

* * *

O Dias Braga ainda esta semana não nos deu o decantado *Quo Vadis*, nem o dará na semana que vem

O diabo da praça é complicadissima a empreza quer leval-a a scena a capricho.

E enfim como dizem que o melhor da festa é esperar por ella...

* * *

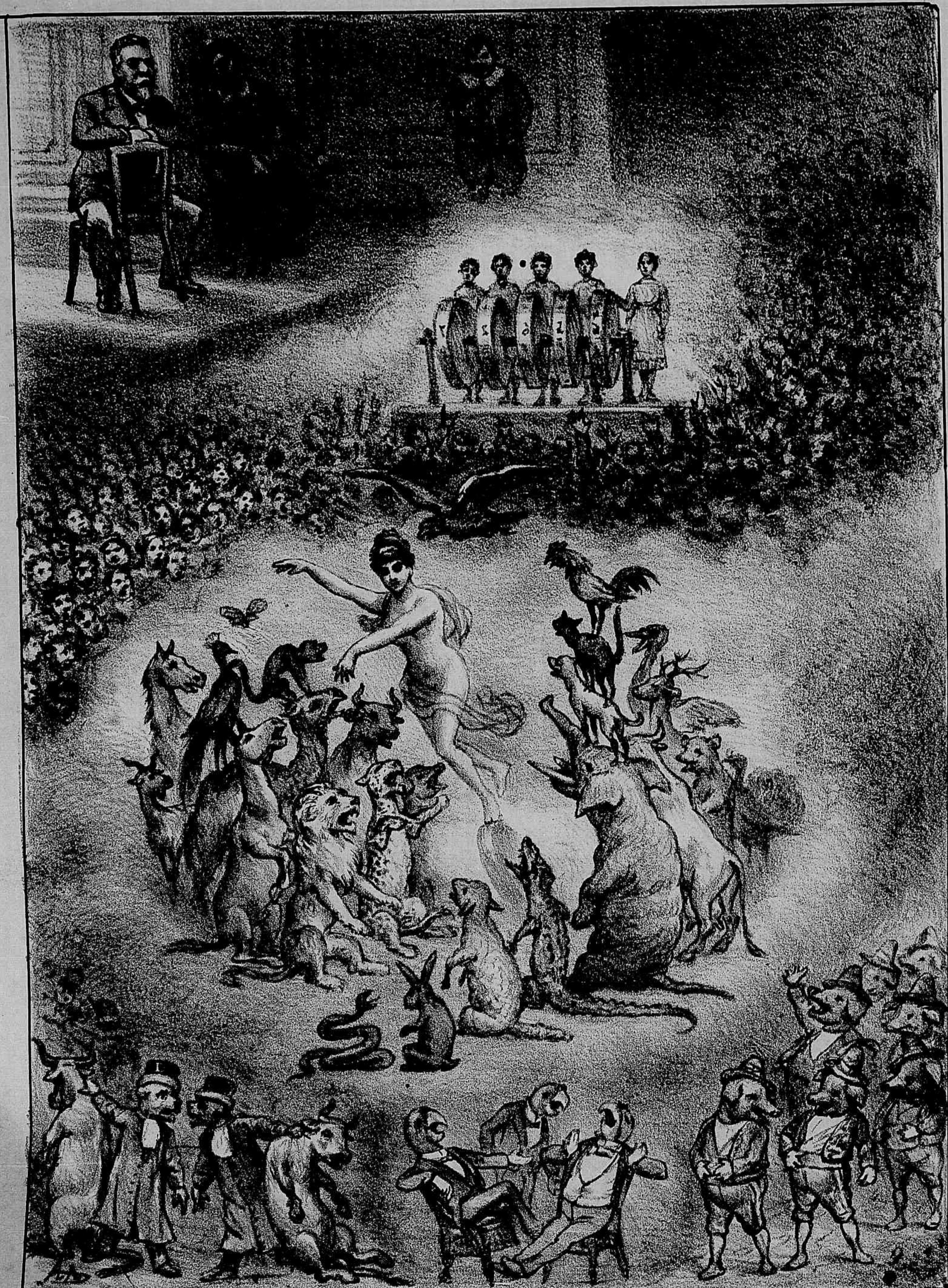
A porpoção que o movimento naciona mingou o de theatro importado foi aumentando prodigiosamente.

Cada anno é maior o numero de andorinhas que se abate sobre o Rio a aproximação do nosso quasi inverno.

Este anno já estão anunciadas definitivamente a vinda seis companhias estrangeiras a capital fluminense.

Virá o *Tomba* que já está em São Paulo com a sua companhia italiana de opera comica, virá a *Rejane*, com uma companhia franceza de drama e comedia, virá uma companhia lyrica, virá Souza Bastos com a gente do costume, virá a companhia do *Gymnazio* de Lisboa tendo a frente o Telmo e o Iguacio virá finalmente o Franck-Bronw provocar novas lamentações aos fanaticos com a profanação do velhotheatro S. Pedro.

EMILIO FOGUETE



Depois dos devidos cor primentos do anno novo ao Chefe do Estado, D. Quixote vaticina que este anno em nada será inferior aos outros. O paiz, essencialmente bicheiro, verá, com o costumeado prazer 3 a 4 loterias por dia. Quanto aos intendentés, que sahem de barriga cheia, os politicos, que discursam e os juizes, que enterraram a constituição do seu modo, todos irão o melhor possível este anno como nos... outros.